

Gravação: cale_se_ep_03_a_mpb_calada_on_vimeo

Duração do Áudio: 00:24:36

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Não identificado
Orador B	Não identificado
Orador C	Não identificado
Orador D	Não identificado
Orador E	Não identificado

Orador A: Bom, o sentimento do AI5 foi um horror, por que você sentiu, pressentia que a coisa ia, o bicho ia pegar...

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

(rádio) “O presidente da republica faz uso da atribuição que lhe confere o Art. 9º do ato institucional numero cinco de 13 de dezembro de 1968, resolve baixar o seguinte ato complementar: Fica decretado recesso do congresso nacional a partir dessa data”

Orador A: Lembro de tudo, de como a cidade ficou, de como as pessoas ficaram, de como o anuncio foi dado pela televisão, pelos jornais, aquele sentimento pesado de silencio a principio, depois de revolta.

Orador B: A coisa ficou mais pesada, quer dizer, já existia a censura, é claro que já existia, mas ela, ela se recrudesceu a partir do AI5

Orador C: Bom, a partir de 68 quando eu comecei a gravar, já comecei a ter problemas logo.

Orador B: 1968 foi o ano do primeiro festival universitário, Gonzaguinha já começou censurado em 1968 no primeiro não é, quando ele fez “pobreza por pobreza, que eu sou pode em qualquer lugar” e os homens não gostaram muito dessa frase.

(musica)

Orador B: A musica foi composta a quatro mãos na casa da Dilma Graça, onde eu e ele tínhamos aula de musica, um dia chegamos lá e ela não tinha acabado a aula dela estava lá dando a aula ainda, ai ela nos botou em uma outra sala onde tinha um outro piano, ai eu disse assim “vamos fazer uma musica aqui” “vamos fazer” “eu tive uma ideia aqui”, ai começou a escrever a letra do desenredo ainda.

(musica)

Orador B: E a Clara Nunes se interessou em gravar, então ai a musica teve que ser mandada para a censura, a letra e não sei o que, foi vetada imediatamente, foi vetada e ficou três anos presa, foi minha primeira musica censurada.

Orador D: A gente acreditava em umas coisas que as pessoas não acreditavam evidentemente e a gente batalhava por aquilo que a gente acreditava e lutava por aquilo que a gente acreditava evidentemente a gente tinha uma serie de problemas, eles não queriam, mas a gente fazia.

Orador A: Gonzaguinha foi o meu, foi um afilhado ele veio me mostrar tudo o que é musica que ele fazia, vinha mostrar, vinha contar para mim, me contou essa história que o cara da censura chamou ele não para castiga-lo, mas para aconselha-lo, falou assim “Gonzaguinha, você é tão bom, por que você fala essas coisas e tal”, e começou a dar conselho para ele e ele respondeu, “olha, faz o seguinte, eu ganho para fazer as minha musica, você ganha para censurar, vamos continuar assim?”.

(musica)

Orador E: Comportamento geral ela começou e acabou exatamente como o show que eu fiz na cruzada lá no Rio de Janeiro, um show que era para ser de uma temporada de um mês e acredito que não tenha levado nem cinco dias, eu geralmente ia para fazer o meu espetáculo encontrava um aviso da censura federal e ia ver o show do Chico Buarque do Holanda lá no show lá com o MPB4 adorava o Chico Buarque do Holanda então eu aproveitava e ia ver o Chico.

Orador A: Era um daqueles que faziam letras procurando esconder muito pouco, procurando ser bem claro quase para a turma dizer para a ditadura, “olha, nós somos contra vocês, eu sou contra vocês”. Bom, o primeiro assunto proibido pela censura é claro que era o político, a política da época evidentemente se defendia, ou seja, a ditadura se defendia, alinha dura nem admitia qualquer possibilidade de abertura dentro das diversões e sobre tudo dentro de um contexto cultural, até mesmo os livros que eram, o que é um absurdo proibidos de uma maneira tenaz, agora, a musica popular é claro que sofreu uma intervenção imediata e direta por que, de todas as manifestações era mais direta a mais abrangente veiculada é claro não apenas pelas emissoras de rádio como pelas casas de discos que vendiam os discos como também pela garganta popular isso era insustentável.

Orador B: Era a situação não podia sair cantando na rua não, tinham palavras proibidas, você não podia falar pobreza, não podia falar mendigo, a palavra camponês nem pensar.

Orador C: Eu tive muitos problemas com a censura em tudo o que eu escrevia, mas eu nunca me censurei não, o que imediatamente vinha o que era intuição e o trabalho em cima eu mandava, se chegando lá, tivesse o lápis vermelho e tal, na volta ai é que eu ia trabalhar em cima.

(musica)

Orador D: Eu me lembro de que quando eu voltei em 71 eu fui chamado, chamado não, eu fui me apresentar por que eu queria saber o que estava acontecendo com uma canção minha e do Gianfrancesco Guarnieri, “feio não é bonito”, e a letra, entende, eu estava achando, “mas essa letra não tem nada de mais, será que é a musica que eles não gostaram?”, e fui para lá e me dou conta que o chefe da censura do Palácio Guanabara era exatamente o Sr. Augusto que era o beque do Vasco, ai me dá aquela estranheza eu digo “meu Deus do céu, as coisas da cabeça são censuradas cuidas em fim por um cara que trabalha com os pés”.

Orador B: O Ronaldo Monteiro que nessa época era o meu parceiro ele me mandou, nós estávamos compondo umas canções e como a gente tinha a intenção de gravar, nós tivemos que mandar as letras, todas as letras tinham que mandar para o departamento de censura que naquela época funcionava ali na Evaristo da Veiga onde era o DOIA e era no terceiro andar e os porões lá em baixo, ai subimos, fomos no terceiro, indicaram, botaram em uma mesa lá que estava o censor esperando pela gente, ai tinha uma letra

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

assim com dois rabiscos vermelhos assim na letra, a gente falou “ih, caramba”, o cara falou “o que quer dizer frequentar?” (inint)(11:28), “o que é isso? Frequentar”, aí o Ronaldo falou, “ih, rapaz, ele está pensando em, frequentar parece meio né, erótico assim, meio sacanagem e tal”, ai ele falou, “não...”, ai olhou viu “não, a datilografa errou, é frequentar, deixei você, a por que a frase era, deixei você me frequentar, deixei você me frequentar”, ai o cara, ai o cara decepcionado não é, “Ah, há sei,”, foi lá e corrigiu, com m.

Orador C: As pessoas que trabalhavam nesses órgãos, foram funcionários públicos, trazidos de outras categorias outros serviços para preencher vaga ali, eles não tinham ideia do que estavam fazendo.

(musica)

Orador D: Um cara lá foi que me atendeu, foi muito educado ele dizia para mim assim “não, mas é que essa letra aí cara...” eu dizia assim “olha, feio não é bonito o morro existe, mas pede para se acabar, canta, mas canta triste por que tristeza é só que se tem para contar” gora essa frase “chora, mas chora indo por que é valente nunca se deixa quebrar, tão botando o peito para os homens, não sei, não dá para passar assim não”, eu digo “ah, digo, e se a gente virasse a letra ao contrário, você acha que dá certo?” “é, ai é capaz de dar certo”, eu digo ”então bota ai, em vez disso você bota ai, o povo brasileiro chora mas chora rindo por que é covarde e sempre se deixa quebrar, ele “não, assim também não pode”, “mas você não acabou de concordar comigo se fizesse ao contrário a letra ficava boa?”, “ah, então vamos fazer uma coisa, vamos deixar como está”, eu digo “vamos, vamos deixar como está”, então a coisa era ridícula a esse ponto.

Orador A: Bom, o sentimento de todos nós, especialmente dos artistas era o sentimento de intimidação, de perseguição, de necessidade de quando possível de driblar a censura, era um jogo de gato e rato.

Orador C: Então, começaram a surgir metáforas e metáforas, houve uma época no Brasil que tudo era metáfora para poder as coisas acontecerem se não ficava tudo nas gavetas.

(musica)

Orador B: Todas elas tinham não é, até “Começar de novo” tinha, quando fala das esporas foi dedicado ao Figueiredo na cara assim não é, um recado mandado, então quer dizer, toda as letras tinham essas mensagens, no caso da “Diz, Aparecida” foi o Mauricio que resolveu escrever uma letra para uma amiga dele que ficou quatro anos cinco anos desaparecida e que todo mundo pensou que ela nunca mais iria voltar e voltou, mas com muitas sequelas por causa de torturas não é.

(musica)

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador B: E eles sacaram isso, a música ficou ali, mas aí foi liberada e tudo, conseguimos liberar a música.

(musica)

Orador B: Por exemplo, um dos truques que se fazia na época, você escrevia uma letra e depois piorava a letra horrivelmente, ela ficava muito pesada, mas essa parte muito pesada não constava da letra, então o cara chegava “pow, mas libera”, “mas essa parte aqui tem que tirar essa parte aqui vai tirar”, aí tirava aquela parte por que a outra está muito leve em comparação, ai passava, outro truque também, coitado, isso foi em fim, isso foi até uma maldade o pobre Taiguara ele escreveu muitas canções que foram vetadas e constavam do arquivo da Odeon na época, eu estava na Odeon nessa época então o que acontecia quando sabiam quando sentiam que a letra iria ser, podia ser vetada, então o que a gente fazia, botava um quarto do Taiguara e aqui até em baixo, ai o cara já vinha vetando, “essa não, essa não, essa não”, ai olhava aquilo, “libera uma”, o cara liberava aquela, quer dizer, o Taiguara foi boi de piranha entendeu, através disso, quer dizer, eu acho que ele morreu e não soube disso.

Orador C: Eu fazia muita música com o Mauricio Tapajós de só temas políticos, ai um dia sentados os dois trocando ideias, tocando violão, cantando, tentando compor alguma coisa, surgiu esse papo, “escuta, por que a gente não faz uma coisa direta, por que eu por exemplo estou cansado de metaforizar tudo, eu queria falar diretamente”, ai Mauricio dizia “mas (inint)(17:38) a gente pode fazer mas a gente vai cantar aqui em casa”, ele disse “mas vamos fazer uma então”, “vamos abrir o jogo”, “então vamos”, ai eu comecei a fazer e fiz “O pesadelo” que eu acho que naquela época foi a mais direta.

(musica)

Orador A: “você me corta um verso eu faço outro, você me prende vivo eu fujo morto”, “porra, os caras deixaram passar isso?”, deixaram passar.

Orador C: Nessa época eu estava produzindo discos na ODEON e via o tramite normal que os funcionários faziam para mandar as pastas das letras dos discos que estavam sendo gravados, discos assim, do Agnaldo Timóteo, do Fernando Mendes, dos The Fevers, eles não olhavam, vinha de manhã voltava de tarde, já Gonzaguinha, Ivan Lins, não voltavam, às vezes demorava muito, ai eu escrevi o pesadelo e disse para esse meu amigo que tinha esse serviço só “enfia essa letra aqui dentro da pasta do Agnaldo Timóteo do disco dele”, botou a letra ali dentro foi de manhã e voltou de tarde com o carimbo de liberação.

Orador A: E não conheço toda obra que foi vetada pela censura, mas eu acho que dificilmente que era alguma mais anticensura do que essa.

(musica)

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

Orador C: Eu soube que as rádios não estavam tocando, pedi a um amigo meu programador de radio para dar uma sacada, uma checada, ai ele disse para mim “olha, a musica tem realmente um documento de liberação, não há o menos problema em se tocar, mas há ordens das direções das rádios de não tocar mesmo com o carimbo de liberação por que eles têm medo de algum problema”, uma coisa incrível não é o que era a sensação de perigo por que todos passavam.

Orador D: as rádios e as TVs como concessão governamental que sempre foram evidentemente se acautelavam de todas as maneiras e era necessária essa cautela por que qualquer desvio era fatal.

Orador B: A censura fez muito mal a musica brasileira mas também fez muito bem não é, quer dizer, na medida em que obrigou aos compósitos os letristas a desenvolver uma linguagem muito mais rica não diria que a ditadura foi boa para isso, não, mas eu diria que resistência é que se mobilizou para chegar ao grande publico e ter uma participação bastante importante na democratização do pais no fim do regime militar através de uma linguagem muito, muito rica.

(musica)

Orador A: Nós tínhamos realmente, vou usar uma palavra que eu nunca mais usei, mas é irresistível, chama Played de combatente, muito importante.

(musica)

Orador D: Saindo o disco do (inint)(23:37) mas coberto sabe, por que foi censurado, ai o disco vendeu adoidado.

Fim da Gravação: 00:24:36